O livro trata de um tema caro aos pesquisadores da Antiguidade, o comportamento dos homens em tempos de guerra e paz. Pode-se perceber, nos textos, como a guerra, tema bastante atual, e suas implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, não pode ter seu estudo separado dos tempos de paz. A guerra é ainda um tema recorrente nas sociedades humanas, já que o homem não encontrou outra forma de resolver algumas questões.

(Ana Teresa Marques Gonçalves)

9 788560 695010

ISBN 978-85-60695-01-0 IMP

ISBN 978-85-60696-01-7 LEPAARQ

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Pelotas/RS

IMP

Lepaarq UFPel

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Organizadores

Fábio Vergara Cerqueira

Ana Teresa Marques Gonçalves

Chimene Kuhn Nobre

Glaydson Jose da Silva

Anderson Zalewski Vargas

Organizadores

Fabio Vergara Cerqueira
Ana Teresa Marques Gonçalves
Chmene Kuhn Nobre
Glaydson Jose da Silva
Anderson Zalewski Vargas

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Instituto de Memória e Patrimônio
Laboratório de Antropologia e Arqueologia/UFPEL

Pelotas - RS
2007

Universidade Federal de Pelotas
Reitor: Prof. Antonio Cesar Goncalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Telmo Pagana Xavier
Pró-Reitoria de Administração: Francisco Carlos Gomes Luzzardi
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: Prof. Vitor Hugo Borba Manzke
Pró-Reitoria de Graduação: Profª Eliana Povoas Pereira Estrela
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Alci Enimar Loeck
Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento: Elio Paulo Zonta

Instituto de Ciencias Humanas
Diretor: Prof. Fabio Vergara Cerqueira
Vice-Diretor: Prof. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

GTHA/ANPUH
(Grupo de Trabalho de História Antiga da Associação Nacional de História)
Coordenação Nacional:
Anderson Zalewski Vargas (07/2003 a 07/2005)
Ana Teresa Marques Gonçalves (07/2005 a 07/2007)

Editoração:
Chimene Kuhn Nobre

Capa:
Paulo Faber Tavares Junior

ISBN 978-85-60695-01-0 Instituto de Memória e Patrimônio (IMP)
ISBN 978-85-60696-01-7 Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPEL)

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

G934 Guerra e paz no mundo antigo / organizadores Fábio Vergara Cerqueira [et al.]. - Pelotas, RS: Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ/UFPel; Instituto de Memória e Patrimônio, 2007.
291p.

1. Mundo antigo. 2. História antiga. 3. Guerras.
I. Cerqueira, Fábio Vergara, org.
II. Título.

CDD 930

Imagem da capa

Mosaico de Alexandre

Proveniência: Pompéia, Casa do Fauno, VI, 12, 2, inventário 10020. (Museu Arqueológico Nacional de Nápoles)

Sumário

Apresentação 11
Prefácio 15
Introdução 19

Entre a Paz e a Guerra: os Preparativos Militares

O Trompetista, um Músico entre a Paz e a Guerra
Fábio Vergara Cerqueira 29

Repensando a Violência dos Espetáculos Romanos: O Caso dos Gladiadores
Renata Senna Garraffoni 53

El Aporte de la Arqueología para el Estudio del Abastecimiento Militar: la Britannia Romana
César Carreras e Pedro Paulo A. Funari 63

Exército, Disciplina e Barbárie no Baixo Império: Flávio Vegécio e a Defesa das Tradições Militares Romanas
Gilvan Ventura da Silva 75

Em Tempos de Guerra: os Confrontos Bélicos e seus Efeitos

Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramsés II
Julio Gralha 89

Guerra, Stasis e Natureza Humana na Guerra dos Peloponésios e Atenienses de Tucídides
Anderson Zalewski Vargas 99

Da Batalha de Carrhae ao Período Severiano: Querelas entre Romanos e Partos
Ana Teresa Marques Gonçalves 115

Cenas de Guerra: o Exército Romano e as Moedas do Século IV
Cláudio Umpierre Carlan 129

Em Tempos de Paz: entre a Política e a Diversão

O Banquete do Rei e a Política nos Tempos de Paz
Kátia Pozzer 139

De Algumas Formas Antigas de Comunicação: Poder e Espaço a partir dos "telégrafos luminosos" gregos (séc. V a.C.)
Rafael Faraco Benthien 153

Plutarco e a Prática do Suborno na Atenas de Péricles
Maria Aparecida de Oliveira Silva 185

Imagens de Banquete Romano: uma Análise Comparativa entre o Discurso Contemporâneo e o Antigo
Regina Maria da Cunha Bustamante 203

Pequenos Impérios e Sociedade na Roma Imperial
Fábio Faversani 223

A Guerra e a Paz na Antigüidade: visões antigas e modernas

As concepções de Guerra e Paz na China Antiga
André Bueno 241

Antigüidade e Modernidade: o nascimento de Vercingetórix na escrita da História francesa após 1789
Glaydson José da Silva 257

A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino
Margarida Maria de Carvalho e Pedro Paulo Abreu Funari 281

PREFÁCIO

O estudo da guerra, dos conflitos e dos exércitos, no mundo antigo, tem longa tradição. A própria historiografia antiga surgiu para tratar da Guerra entre Gregos e Persas, com Heródoto, ou entre os próprios gregos, com Tucídides. O moderno gênero historiográfico, em busca do passado "como propriamente aconteceu[1]", tampouco descuidou de preocupar-se com o conflito bélico, na esteira de Heráclito e seu *polemos pater panton*[2]. Atentos aos escritores antigos e à sua atenção onipresente à guerra, a nascente historiografia científica retomava o gosto não só pelo tema, como pela maneira de tratar tais vicissitudes. O estilo rankeano fundava-se na *inconcinnitas* das descrições de batalhas em Tucídides, Salústio e Tácito. A paz, como interlúdio das contendas, aparece, tantas vezes, como epifenômeno que prenuncia a guerra. A maior de todas essas pausas, a *Pax Romana*, ainda que *eirene*, não era senão uma paz armada, sempre a combater nas fronteiras, na expectativa da explosão de *bella civilia*[3]. Guerra e Paz, antinomias aparentes, aparecem sempre correlacionadas, partes de um continuum.

Nas últimas décadas, multiplicaram-se as críticas aos modelos normativos de estudo da sociedade, no presente e no passado. A homogeneidade social - marcada como modelo a ser imposto pelo estado nacional - foi desmascarada pelo multiplicar-se das identidades sociais e pelos conflitos resultantes. Surgiram no cenário social gêneros e classes sociais, grupos religiosos ou étnicos, em luta constante. Multiplicaram-se, por conseqüência, os estudos de Sociologia do Conflito ou de Antropologia das Identidades, em busca da compreensão desse esfacelamento dos modelos normativos. No estudo do passado, os estudos sobre as narrativas historiográficas tornaram-se comuns, em busca da desconstrução das modernas interpretações sobre os antigos. O predomínio da fonte escrita foi

---

[1] *Wie es eigentlich gewesen*, na famosa formulação de Leopold Von Ranke, de 1823.

[2] Cf. Angelo Tonelli, *Eraclito, Dell'Origine, traduzione e cura di Angelo Tonelli*. Milão, Feltrinelli, 2005; P.P.A. Funari, Resenha de Angelo Tonelli, Eraclito, 01/08/2006, Trans/Form/Ação, v. 29, 2006, p. 147-148.

[3] Cf. *Res Gestae Divui Augusti*, 3, *bella terra et mari civilia externaque toto in orbe terrarum saepe gessi*.

questionado pelo reconhecimento da existência de discursos materiais ou icônicos que não apenas não se subordinavam à tradição literária, como permitiam uma outra narrativa[4]. Por fim, mas não menos importante, os temas canônicos passaram a ser tomados como constituintes de um conjunto mais amplo, nos quais o cânone não tem posição de destaque, mas se encontra no meio de um turbilhão[5].

O estudo da guerra, em geral, e da guerra antiga, em particular, não poderiam deixar de ser afetados por essas novas condições sociais e epistemológicas de nossa época. Como ressalta Harry Sidebottom[6], os temas do estudioso interessado nas guerras antigas abrangem, hoje, as identidades dos soldados, suas auto-definições sexuais, suas subjetivações como membros de comunidades prenhes de conflitos internos e externos. Victon Davis Hanson aparece não apenas como grande estudioso do tema, autor de um dos maiores best-sellers sobre a guerra antiga de todos os tempos[7], mas também, ou mais que tudo, como formulador das estratégicas do Pentágono, com destaque para a Guerra do Iraque (a partir de 2003)[8]. A invenção do guerreiro ocidental, tema nada canônico, está no centro dos estudos sobre a guerra na Antigüidade, assim como está a logística, apenas aparentemente tão distante, em seus aspectos comezinhos, dos grandes heróis e das grandes batalhas. De fato, não se pode conceber Alexandre ou Júlio César sem sua preocupação com o abastecimento, assim como nada seriam sem a subjetivação da *andréia*: ninguém combate sem estar abastecido no corpo e na alma.

É neste contexto que podemos entender este volume, edição conjunta do Laboratório de Antropologia e Arqueologia do ICH/UFPEL e do Instituto de Memória e Patrimônio (IMP). A produção brasileira sobre a Antigüidade ampliou-se, de maneira exponencial, nos últimos anos, destacando-se sua inserção na

[4] P.P.A. Funari; A. Zarankin; E. Stovel. *Introduction. In:* P.P.A Funari; A. Zarankin; E. Stovel. (Org.). Global Archaeological Theory. Nova Iorque: Sprinber. 2005. v., p. 1-9.
[5] Pedro Paulo A Funari. Poder, História e Historiografia em uma perspectiva crítica 01/07/2006. *In:* Élio Cantalício Serpa; Marlon Salomon. (Org.). Escritas da História: cultura e política. Goiânia: Editora da UCG. 2006. v., p. 175-182.
[6] *Ancient Warfare* Oxford. Oxford University Press. 2004. *passim*.
[7] *The Western Way of War. Infantry Battle in Classical Greece*. Alfred A. Knopf. 1989.
[8] Cf. Pedro Paulo A Funari. Guerra do Peloponeso. *In:* Demétrio Magnoli. (Org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto. 2006. v., p. 18-45.

discussão internacional. Projetos de pesquisa com instituições estrangeiras, trabalhos arqueológicos de campo conjuntos, livros publicados em diversos países, assim como artigos nas mais prestigiosas publicações internacionais atestam esse amadurecimento[9]. As pesquisas sobre a guerra e a pax não deixaram de acompanhar esse movimento. A partir de quatro grandes eixos temáticos, articulam-se as discussões:

- Entre a Paz e a Guerra: os Preparativos Militares
- Em Tempos de Guerra: os Confrontos Bélicos e seus Efeitos
- Em Tempos de Paz: entre a Política e a Diversão
- A Guerra e a Paz na Antigüidade: visões antigas e modernas

Na esteira das questões epistemológicas acenadas, são abordados temas como a música, a violência, a logística ou a contraposição civilização/barbárie, como parte dos *praeambula belli*. Músicos e gladiadores, legionários e teóricos, são partes das narrativas entre a paz e a guerra. Os confrontos bélicos aparecem relacionados a identidades religiosas e étnicas, assim como à administração. Os interlúdios pacíficos englobam as subjetivações das hospitalidades, assim como da semiótica, mas também a irrupção da dinâmica da guerra na gestão da vida pública, na forma do pagamento de um soldo *ad corrumpendum*. A corrupção aparece como narrativa de outra época, mas que molda as percepções. Por fim, as interações entre as narrativas modernas e antigas merecem reflexões que mostram a importância da desconstrução historiográfica. Este volume, surgido de um esforço coletivo, representa bem os avanços da historiografia brasileira sobre a guerra na Antigüidade.

Pedro Paulo A Funari
Professor Titular de História Antiga
Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos/UNICAMP
Líder de Grupo de Pesquisa do CNPq

[9] Cf. Pedro Paulo A. Funari, com referências. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology*. Londres. v. 5. n. 2. 1997. p. 137-148.

A HISTÓRIA MILITAR NA ROMA ANTIGA E O TESTEMUNHO DE AMIANO MARCELINO

Margarida Maria de Carvalho[169]
Pedro Paulo Abreu Funari[170]

Resumo: *Pretendemos, neste artigo, tratar, em primeiro lugar, de algumas discussões epistemológicas recentes sobre a História Militar e, na seqüência, salientar um estudo de caso referente à Antigüidade Tardia. Tal estudo, diz respeito ao testemunho de Amiano Marcelino, autor do século IV d.C., que foi membro do Exército Militar romano e, por esse motivo, foi uma testemunha ocular de inúmeras batalhas envolvendo generais Imperadores romanos contra os bárbaros. Este artigo introduz o tema de uma pesquisa de maior escopo, a qual resultará da análise do relato desse autor acerca das expedições militares do Imperador Juliano.*
Palavras-chave: *Guerra – História Militar – Amiano Marcelino*

* * *

Introdução

Neste artigo, tratamos, em primeiro lugar, das discussões epistemológicas recentes sobre a História militar e, em seguida, apresentamos um estudo de caso, referente à Antigüidade Tardia. A publicação recente de uma obra de referência sobre História das Guerras (MAGNOLI, 2006), um grande best-seller, demonstra um crescente interesse, por parte não apenas de historiadores e acadêmicos, mas, também, por parte do grande publico em geral. Apresentaremos, neste artigo, as discussões sobre a Guerra na Antigüidade, campo de pesquisa que se tem renovado.

O estudo das guerras antigas

Há uma narrativa dominante no estudo das guerras, fundadas no que se convencionou denominar de "maneira ocidental de lutar" (Western Way of War). Esse jeito tem sido definido como o desejo pela batalha aberta e

---

[169] Professora de História Antiga do Departamento de História / UNESP – Franca / NEE – UNICAMP, pós-doutoranda do Departamento de História da UNICAMP, sob supervisão do Prof. Pedro Paulo Funari. Bolsista do CNPq na categoria *Pós Doutorado Júnior*.
[170] Professor Titular de História Antiga do Departamento de História / UNICAMP e Coordenador-Associado do NEE - UNICAMP.

decisiva, visando à aniquilação do inimigo, conduzida por infantaria armada pesadamente, lutando em contato direto. A batalha é ganha pela coragem, em grande parte resultado do treinamento e da disciplina. Em geral, diz-se que os combatentes devem ser livres e proprietários, no chamado militarismo cívico. Essa maneira teria sido inventada pelos gregos, herdada pelos romanos, renascendo na Modernidade até chegar ao imperialismo de nossos dias. Do nosso ponto de vista, trata-se de uma narrativa, não de uma realidade objetiva (contra Hanson, 1989).

A Guerra, na Antigüidade, tudo abrangia, cultura, gênero, indivíduo. O inimigo bárbaro é estereotipado, desorganizado, feroz, desordenado, face à táxis das fileiras militares gregas e romanas. Isso fica claro, por exemplo, quando comparamos a descrição dos germanos em Tácito, durante o Principado, com aquela de Amiano Marcelino, representante da tradição ideológica romana:

> "Pares enim quodam modo coivere cum paribus. Alamanni robusti et celsiores, milites usu nimio dociles: illi feri et turbidi, hi quieti et cauti; animis isti fidentes, grandissimis illi corporibus freti."
>
> "Os germanos tinham a vantagem da força e do tamanho, os romanos do treinamento e da disciplina. Uns eram selvagens e turbulentos, os outros organizados e cautelosos. Os nossos contavam com sua coragem, os inimigos com seu físico avantajado" (AMIANO MARCELINO, XVI, 12-47).

A importância da ordem estava tanto na sua prática efetiva, como enquanto uma representação. Por um lado, os exércitos antigos, em geral, e o romano em particular, fundavam-se numa logística detalhada e acurada: estradas, vias de comunicação marítima e fluvial, redes de abastecimento (*annona*), todo um conjunto de ações coordenadas. Por outro lado, para além dessa efetividade prática, havia a representação da ordem social nos destacamentos militares, acampamentos, nas batalhas. Essa ordem não pode ser desvencilhada da masculinidade, *andreia*, *uirtus*, ambas derivadas, em grego e latim, de "másculo". Tampouco pode ser dissociada da justiça, pois a guerra era declarada, avisada (*lex de indicendo bello*) e reparações pedidas (*rerum repetitio*), a vitória era tomada como sinal do apoio dos deuses para a

justa causa (SIDEBOTTOM, 2004). O soldado tinha, pois, pleno direito de matar, quando em batalha, algo que será confirmado pelo pensamento cristão (cf. SANTO AGOSTINHO, *Contra Fausto*, 22-75):

> "Cum ergo vir iustus, si forte sub rege homine etiam sacrilego militet, recte poscit illo iubente bellare civicae pacis ordinem servans; cui quod iubetur, vel non esse contra Dei praeceptum certum est, vel utrum sit, certum non est, ita ut fortasse reum regem faciat iniquitas imperandi, innocentem autem militem ostendat ordo serviendi: quanto magis in administratione bellorum innocentissime diversatur, qui Deo iubente belligerat, quem male aliquid iubere non posse, nemo qui ei servit ignorat."
>
> "Assim, quando um varão justo, por acaso, milita sob o comando de um soberano sacrílego, pode proteger, de forma correta, a paz pública ao combater sob seu comando, se receber uma ordem que não seja contrária à lei de Deus, ou seja, algo duvidoso – em cujo caso pode ser que a ordem pecaminosa envolva a autoridade na culpa, enquanto o papel subordinado do simples soldado o faz inocente. Tanto mais será inocente o envolvimento com a guerra por parte dos que lutam pelo comando de Deus que, como todos que servem-no sabem, não pode ordenar nada que seja errado."

Agostinho, contudo, continua uma tradição antiga, pois o embate imperial foi muitas vezes considerado como uma luta pela imposição da ordem à desordem. Nos historiadores militares, isso aparece, muitas vezes, como uma versão dos costumes desconexos à taxonomia romana, como denota a expressão *interpretatio romana* (cf. TÁCITO, *Germânia*, 43-44) (DENCH, 2005: 80). Neste estudo, centraremos nossa atenção no caso de um historiador tardio bem inserido na tradição historiográfica antiga, no seu tratamento de um governante *sui generis*: Juliano.

O testemunho de Amiano Marcelino sobre a Historia Militar na Antigüidade Tardia: o Imperador Juliano.

Diante do exposto, notamos que a bibliografia referente à História Militar de Roma é vasta e vem se desenvolvendo acentuadamente com o passar do tempo. No que diz respeito à Antigüidade Tardia, ressaltamos o

testemunho de Amiano Marcelino sobre as participações dos imperadores nas guerras do período. Nesse relato, alguns como Valente (365 – 378 d.C) são depreciados, outros como Juliano (361 – 363 d.C) são heroificados. Assim notamos que entre todos os príncipes citados, Juliano é um dos mais elogiados.

Dessa forma, lendo sua obra, verificamos a possibilidade de desenvolvimento do tema estratégia e heroificação: o relato de Amiano Marcelino sobre as expedições militares do Imperador Juliano e, assim, ressaltamos as passagens e as primeiras interpretações acerca dos livros do autor antioquiano que justificam a possibilidade de desenvolvimento do tema escolhido.

Analisaremos, portanto, a obra *Res Gestae* ou *Histórias* do autor pagão Amiano Marcelino, na qual esse escritor constrói um retrato elogioso do Imperador Juliano, inserido nos padrões culturais da sociedade romana do século IV d.C., período incluso no arco cronológico da Antigüidade Tardia. É mister ressaltar que essa época é de transição, em que, apesar de permanências, registram-se mudanças que conduziram o homem a construir um novo ideário moral.

Amiano Marcelino, autor pagão proveniente de Antioquia, remete-nos, nessa citação supracitada, às linhas históricas das lutas do exército romano – chefiado por Juliano – contra os estrangeiros fronteiriços que estavam invadindo as Gálias e, também, contra os persas (os maiores inimigos dos romanos), respectivamente, nos anos de 357 d.C. e 363 d.C.

O autor antioquiano escreveu a obra *Res Gestae* ou *Histórias*, compostas por 31 livros, no período denominado de Renascimento Teodosiano[171]. Os treze primeiros livros, cujos fatos relatados eram de 96 d.C. a 353 d.C., encontram-se perdidos. Os dezoito restantes revelam

[171] À guisa de adendo, esclarecemos que Amiano Marcelino foi um cronista, partícipe do Exército Romano até a época em que o Imperador Juliano permaneceu no poder. Amiano tinha o costume de transcrever o seu cotidiano nas batalhas que enfrentou. Durante os anos do reinado do Imperador Teodósio, compilou suas narrativas que foram publicadas e divulgadas nessa época.

acontecimentos vivenciados e assistidos pelo autor, cujo arco cronológico é de 354 d.C. a 378 d.C.

Sabemos através de Libânio que Amiano finalizou sua obra em 392 d.C. e, logo depois, realizou a leitura de seus discursos para um pequeno séqüito da elite romana. Em alguns momentos, no decorrer da leitura de sua fonte, Amiano dá a entender que é proveniente de família nobre e que foi designado por Constâncio II ao *staff* usual de Ursicino – *magister equitum* – do Oriente. Em 356 d.C., ouviu falar de Juliano como César de Constâncio, o qual estava realizando feitos contra os estrangeiros nas regiões das Gálias romanas. Amiano atuou no exército romano de 356 a 363 d.C., quando nesse último ano integrou-se ao exército do Imperador Juliano como oficial de artilharia. Ressaltamos que nesse momento já se encontrava incluso no círculo de profissionais de confiança desse Príncipe. Assim sendo, combateu, ao seu lado, em inúmeras batalhas contra os gauleses e contra os persas, assistindo em uma dessas últimas, no Oriente, à morte do Imperador (dezembro de 363 d.C.). Após a entonação de Joviano, retirou-se da vida militar iniciando sua vida literária.

Em toda sua obra, é marcante sua interpretação pessoal sobre o valor dos reinos, da idéia que possuía de Roma, sobre seu passado e seu momento presente. Por meio da análise da *Res Gestae*, conseguimos perceber sua noção de Estado atrelada à questão militar, de proteção às fronteiras do Império, enfim, de governo e de governante. Essa noção insere-se numa ideologia[172] tradicional própria do século IV d.C. Uma ideologia cujo sistema de valores buscou apoio nas forças de conservação, pois Amiano parecia ter receio das transformações ocorridas dentro do próprio exército e da penetração de elementos estrangeiros no mesmo – fato que ocorreu de forma contínua após a entrada do Imperador Constantino, o que para ele atingia a integridade do Império. O Império romano em sua concepção deveria ser mantido sob a égide

[172] Entendemos por *ideologia* a ciência da formação das idéias, tratando das idéias em abstrato ou como um conjunto articulado de idéias, valores, opiniões, crenças que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social, articulado a um sistema político seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores.

de um exército formado, essencialmente, por romanos e dirigido por um autêntico general romano, de preferência tendo à testa um Imperador que valorizasse os costumes e a tradição militar. O imperador por ele idealizado não deveria romper com o equilíbrio das fronteiras e da identidade romanas recuperados com dificuldade após um longo período de instabilidade política e militar proporcionada pelas circunstâncias delineadas durante o século III d.C.

Dessa forma, na visão de Amiano Marcelino, como também na de qualquer outro autor de discursos no século IV d.C.[173], sobressai-se a fundamental importância do Imperador como um chefe militar exemplar que vai defender as fronteiras do Império e que manterá um aparato militar ampliado construindo novas estratégias militares – condição básica para a preservação do Império contra outros ataques estratégicos.

Inúmeras são as descrições de Amiano Marcelino sobre os feitos gloriosos de Juliano como César e Augusto. Nos livros XV, XVI e XVII, há relatos sobre suas investidas contra os alamanos, sua memorável vitória em Estrasburgo, as conseqüências de seu sucesso (como, por exemplo, as intrigas feitas na corte de Constâncio) e as campanhas contra os sármatas. Nos livros XVIII e XIX, há relatos sobre seus empreendimentos nas guerras, livrando os romanos de Sapor (rei dos Persas).

Podemos ilustrar algumas passagens que demonstram a paixão de Amiano Marcelino pelo Juliano militar:

> "Nemo post haec fintita reticuit, sed militares omnes horrendo fragore scuta genibus illidentes (quod est prosperitatis indicium plenum; nan contra cum hastis clipei feriuntur, irae documentum est et doloris) immane quo quantoque gáudio pareter daucos, Augusti probavere indicium caesaromque admiratione digna suscipiebant, imperatori muricis fulgore Flagrantem"
>
> "Depois que este discurso terminou, ninguém ficou quieto; todos os soldados agitados de forma receosa, baixaram seus escudos até os joelhos (sinal de completa aprovação; caso contrário teriam golpeado seus escudos com suas lanças). Foi maravilhoso assistir que, com muito júbilo, quase todos os soldados aprovaram a escolha de Juliano como Augusto e, com a devida admiração, saudaram o Caesar reluzente com o brilho da púrpura imperial" (AMIANO MARCELINO, XV: 8-15).

[173] Os discursos, nessa época, legitimam o poder político do Imperador como o centro das atenções. Haverá uma proliferação, tanto por parte de autores pagãos como de cristãos, da produção de panegíricos – documento político que exalta ou denigre a figura do Imperador como um chefe político-militar.

> "Cuius óculos cum venustate terribili, vultumque excitatus gratum, diu multumque contuentes, qui futurus sit coligebant velut scritatis veteribus librus, quorum lectio per corporum signa pandit animorum interna. Eumque unt poliori reverencia servaretur, nec supra modum laudabant, nec intraquam decebat, atque idico censorum vocês sunt acetinatae, non militum"
>
> "Fitando seus olhos, seriamente e longamente, ao mesmo tempo severos e cheios de fascínio, localizados numa face sedutora dotada de uma vivacidade incomum, eles profetizavam que estirpe de homem Juliano seria: como se escrutinassem livros antigos cuja leitura desvelasse sinais das qualidades intrínsecas da alma pelos traços do corpo. Ponderando que ele poderia ser considerado com maior respeito, eles não o exaltaram além da conta, muito menos da medida adequada; portanto suas palavras foram avaliadas como se fossem de censores e não como palavras de simples soldados" (AMIANO MARCELINO, XV: 8-16).

O autor pagão revelou o quanto Juliano lutou contra os alamanos e as tribos germânicas, não só para consolidar o *limes*, mas, sobretudo, para reconstruir e fortificar as cidades romanas entre Agripina e Argentorato (AMIANO MARCELINO, XVI: 3-12).

Percebemos que o escritor antioquiano possui reações morais típicas, comuns aos homens do século IV d.C., quando trata dos deveres do soberano e do cidadão, celebrando a virtude romana. Reconhece que o bom governante, o homem sóbrio, deve ter temperança, coragem e equilíbrio. Dessa forma, louva o Imperador Juliano o qual, para ele, era de temperamento são e enérgico como todo homem de Estado deveria ser. Amiano parece ser sensível às qualidades do ser social: admira o homem culto, filósofo e educado. Comenta que Juliano possuía um eminente grau de cortesia e uma doçura natural (AMIANO MARCELINO, XXIV: 1-3). Observamos, também, que

em nenhuma passagem de sua obra ele critica a organização de sua sociedade. É fiel à monarquia imperial. O Estado político presente é, sem contestação, o melhor a seus olhos, superior mesmo às antigas instituições republicanas.

Tudo indica que Amiano, achando-se um bom soldado, vinculou-se à pessoa do soberano. Para ele, a legitimidade do poder detido por um Príncipe fundava a submissão e o respeito que deveriam ser a ele concedidos. Na passagem seguinte, o autor comentou que:

> "... et inquisitum in lace negotia fortius, nemo qui quidem recte sapiat reprehendet nec enin abnuimus salutem legitimi principis, propugnatoris bonorum et defensoris, une salus quaeritur alis, consociato studio muniri debere cuntorum; cuius reinendae causa validus, urbi maiestas pulsata defenditur, a quaestionibus vel cruentis ; nullam corneliae leges exemere fortunam
>
> ... e naquilo que concerne tais feitos, não ocorrerá culpa na rígida investigação dos procedimentos de qualquer homem de bom senso. Não negamos que a existência de um Príncipe legítimo, o defensor e o guardião dos homens bons e, também, em quem os outros têm confiança, deve ser protegida pela diligência de todos os homens, a fim de assegurar mais fortemente que sua majestade, caso seja violada, seja protegida; as leis de Cornélio não isentam ninguém, qualquer que seja o motivo, da tortura mesmo com derramamento de sangue" (AMIANO MARCELINO, XIX: 12-17).

Portanto inferimos na narrativa que o governante Juliano é considerado como o Princeps Ideal. O discurso de Amiano possui ingredientes tradicionalistas, moralizantes, os quais fazem parte de um repertório de exemplos construído no passado, resgatando Juliano no presente e plenamente ratificado pela tradição secular. O Príncipe deve ser virtuoso, clemente, justo e piedoso.

Dentro dessa tradição, Amiano – nos livros XXIV e XXV – faz honras a Juliano pelas suas qualidades como homem de Estado, fundamentalmente por ter sido um grande chefe militar.

Percebemos que a própria hostilidade de Amiano aos estrangeiros é um aspecto de sua defesa dos valores tradicionais. Para tratar mais precisamente a ideologia de governo e governante de Amiano, torna-se

interessante averiguar que o autor luta contra o tempo que pode destruir e aniquilar a lembrança dos atos heróicos de Juliano. Sua narrativa está repleta de digressões e parcialidades. Devemos prestar atenção em suas expressões, na sua retórica e perceber que para dar vida a um momento da História e para apropriar-se dele, o autor não escapou aos frutos de sua imaginação utilizando-se de uma linguagem que reforça o mito do bom governante militar inserido em sua ideologia de bom governo.

Portanto, é principalmente nos livros de números XV a XXV que identificamos o conceito de estratégia militar de Amiano atribuído a Juliano e sua vinculação à sua heroificação. Entendemos, a priori, que se pode definir o conceito de estratégia como uma arte militar de planejar e executar movimentos e operações de tropas de infantaria e cavalaria visando a alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas territoriais e, conseqüentemente, de âmbito político. Ao mesmo tempo, podemos definir estratégia como uma arte militar onde se deve escolher o local, o período e com quais armas travar um combate com o inimigo, almejando dessa maneira seus fins específicos; para tamanho alcance, deve haver a presença marcante de bons chefes militares.

Nesse sentido, é importante detectarmos tal conceito dentro dos parâmetros do desenvolvimento histórico militar do próprio século IV d.C. que, como sabemos, é um período postulado por um leque de transformações de grande abrangência que termina por redefinir os valores da unidade político-imperial romana.

É nesse contexto de transformações, como demonstramos, que Amiano, ao escrever a sua obra, ressalta a figura do Imperador Juliano delineando suas concepções de governante, governo e Estado.

Outros autores contemporâneos a Amiano também demonstram suas preocupações com o tema militar. Dessa maneira destacamos as obras de Eunápio, Vegécio e Zósimo (esse último localizado temporalmente em 498 d.C.), assim como os testemunhos do próprio Imperador Juliano, ou seja, as cartas escritas nas Gálias, Ilíria, Constantinopla e Antioquia[174].

---

[174] Essas obras estão elencadas nas *Referências Bibliográficas* no final desse artigo.

Em relação à estrutura da obra de Amiano Marcelino, identificamos que do Livro XV ao XXIV o autor estabelece uma narrativa de acontecimentos militares e heróicos sobre o Imperador. No livro XXV, último dedicado à pessoa de Juliano, o escritor pagão redige um panegírico mais ainda elogioso que, como não poderia deixar de ser, segue um padrão da retórica da época.

A *Res Gestae* de Amiano insere-se no período que se denomina Renascimento Teodosiano (379 d.C. – 395 d.C.), época na qual vários escritores possuem o intuito de escrever sobre os feitos militares dos grandes imperadores e a História de Roma. Suas fidelidades às tradições da moral e da cultura romana definem bem suas linhas histórico-literárias como pertencentes a um novo classicismo. É claro que como todo romano culto, sofre as influências de autores como Salústio, Tácito, Tito Lívio e outros. Segundo Fontaine (FONTAINE, 1969: 419), a posição cronológica da obra de Amiano merece uma avaliação cuidadosa daquilo que se deve compreender como neoclassicismo.

Amiano possui, diante dos fatos narrados, uma atitude moralizante, ativa e objetiva em seus juízos sobre os homens, seus sucessos e fracassos. Três eram, pelo menos, as razões para tais atitudes (PASTOR, 1992: 107): a tradição historiográfica romana por ele respeitada; a contemporaneidade dos acontecimentos, em grande parte, vividos pelo próprio e a fidelidade ao seu espírito crítico.

Partindo dessa premissa acreditamos que podemos contribuir com o enriquecimento da interpretação histórica, pois entendemos que as análises lingüísticas e semânticas dos discursos podem nos conduzir a uma determinada concepção sobre como mascarar ou não uma determinada situação política, ou seja, à forma como ela é construída, percebida e passada à posteridade. Não há dúvidas de que estamos nos referindo, também, aos grupos sociais que formam esse discurso. No caso, identificamos Amiano Marcelino e Juliano como provenientes de uma mesma elite que revela a maneira como está apreendendo e se referindo às transformações políticas, militares e culturais.

Concordamos com Roger Chartier (CHARTIER, 1990: 17) quando afirma que:

> "As percepções sociais (do social) não são formas neutras de discurso. Os discursos produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles monopolizados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas" (CHARTIER, 1990: 17).

Assim sendo, os documentos que descrevem as ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes, foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias e devemos, então, criar outras estratégias para lê-los, como aponta Hunt (HUNT, 1995: 18).

Levando em conta todas as considerações acima expostas, declaramos que os discursos sejam quais forem os seus tipos e em quais épocas forem escritos, mascaram interesses políticos e culturais, que só podem ser desvelados, avaliados e compreendidos através de sua desconstrução[175]. Destacamos, em especial, a seguinte citação:

> "... a qualidade e a fecundidade de um discurso talvez se meçam pelo rigor crítico com que se pensa essa relação com a História da metafísica e os conceitos herdados. Trata-se de uma relação crítica com a linguagem das Ciências Humanas e de uma responsabilidade também crítica com o discurso. Trata-se de equacionar expressa e sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários à desconstrução desta mesma herança." (DERRIDA, s.d.: 107).

Por meio da leitura e análise das obras sobre História Militar dos autores supramencionados, é possível utilizarmos essa noção de desconstrução para compreendermos o que vem a ser heroificação e estratégica na concepção do homem do século IV d.C. A partir daí percebemos as preocupações dos autores com questões relacionadas às fronteiras, identidade, unidade e diversidade no Império Romano.

---

[175] Queremos dizer com *desconstrução* ou desestruturação ou, ainda, interpretação de narrativa ou retórica de discurso, baseando – se nas explicações conceituais de Jacques Derrida em *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso da Ciências Humanas*, p. 101 a 123.

Assim, consideramos que o interesse por parte dos historiadores especializados em História Contemporânea, Antigüidade Clássica e Tardia, em torno da História Militar e de Históricos relacionados a movimentos imperialistas, vêm crescendo acentuadamente[176], denotando, inclusive, a necessidade de uma História comparativa e mais dinâmica, não considerando os acontecimentos do passado como elementos inquestionáveis e isolados.

Agradecimentos

Agradecemos a César Carreras, Ana Teresa Gonçalves, Demétrio Magnoli e Gilvan Ventura da Silva. Devemos mencionar, ainda, o apoio institucional do CNPq, FAPESP, do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP) e do Departamento de História da UNICAMP e da UNESP (Franca). A responsabilidade pelas idéias restringe-se aos autores.

Referências Bibliográficas

Documentação textual impressa

AMMIANUS MARCELLINUS. *Res Gestae*. With an English Translation by John C.Rolfe. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. London: Willian Heinemann LTD. 1982. 3v. (The Loeb Classical Library).

AMMIEN MARCELIN. *Histoire*. Livres XIV-XIX. Texte établi et traduit para Eduard Galletier et Guy Sobbah. Paris: Les Belles Lettres, 1968-1970. 2t.

EUNAPIUS, OLYMPIODORUS, PRISCUS and MALCHUS. *The Fragmentary Classicising Historians of the Later Roman Empire*. Text, Translation and Historiographical Notes by R.C.Blockley, s.d., v.2.

JULIANO. *Contra los Galileos*. Cartas y Fragmentos. Testimonios. Leys. Introducción, Traducción y Notas por José Garcia Blanco y Pilar Gimenez Gazapo. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

JULIANO. *Discursos*. Introducción, Traducción e Notas por José Garcia Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

JULIEN. *Oeuvres Complètes. Discours de Julien l'Empereur*. Text revue et traduit par J. Bidez et Gabriel Rochefort. Paris: Les Belles Lettres, 1924-1964, 2 t.

JULIANUS. *The Works of Emperor Julian*. With an English Translation by W. C. Wright. London: Willian Heinemann, 1913, 1949, 3v. (The Loeb Classical Library).

LIBANIUS. *Autobiography and Selected Letters*. Edited and Translation by A.F. Norman. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1992, 2v. (The Loeb Classical Library).

[176] Vide o item *Referências Bibliográficas* exposto no final desse artigo.

VÉGÉCE. *Les Institutions Militaires*. *In:* NISARD, M. (org.). Ammien Marcellin, Jornandes, Frontin, Végéce, Modestus. Paris: Firmin Didot Fréres, 1869.

VEGÉCIO. *A Arte Militar*. São Paulo: Paumape, 1995.

ZOSIME. *Histoire Nouvelle*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.

Obras Gerais

ALFÖDI, Andrew. *A Conflict of Ideas in the Late Roman Empire*. Westport Connecticut: Greenwood Press Publishers, [19--]

ALFÖDI, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ARCE, Javier. *Estudios sobre el Emperador Fl. Cl. Juliano*. Fuentes Literarias, Epigrafía, Numismática. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984.

BISCARDI, Arnaldo. Cultura e Anticonformismo di Giuliano l'Apostata. *Accademia Romanistica Costantiniana Atti III Convegno Internazionale*. Perugia-Trevi Gualdo Tadino Libreria Universitaria, 1979. (28 settembre-1° octobre, 1977).

BLOCKLEY, R. C. Constantius Gallus and Julian as Caesars of Constantius II. *Latomus*. Bruxelles, vol.31, 1972, p.433-468.

BLOCKLEY, R. C. Ammianus and Cicero: The Epilogue of the History as a Literary Statement. *Phoênix*, vol. 52, n. 3/4, 1998, p. 305-314.

BLOCKLEY, R. C. Ammianus Marcellinus on the Persian Invasion of A.D. 359. *Phoênix*, vol. 42, n. 3, 1988, p. 244-260.

BLOCKLEY, R. C. The Date of the Barbarian Conspiracy. *Britannia*, vol. 11, 1980, p.223-225.

BLOCKLEY, R. C. Ammianus Marcellinus on the Battle of Strasburgo: Art and Analysis in the History. Phoênix, vol. 31, n.3, 1977, p.218-231.

BOHEC, Yann Le. *The Imperial Roman Army*. London: Batsford, 1994.

BONFANTE, Larissa Warren. Emperor, god and man in the IV century. Julian the apostate and Ammianus Marcellinus. *La Parola del Passado*. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, Fascicolo XCIX, 1964, p. 401-427

BURKE, Peter. A História como Memória Social. *In: O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992b, p. 235 -- 251.

BURKE, Peter & PORTER, Roy (org.) *Linguagem, Indivíduo e Sociedade*. São Paulo: UNESP, 1993.

BURKE, Peter. *A Escrita da História:* Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992a.

CAMERON, Alan. Paganism and Literature in Late Forth Century Rome. *In:* REVERDIN, Olivier (org.). *Christianisme et Formes Litteraires de l'Antiquité Tardive en Occident*: Vandoeuvres, Genève, Fondation Hardt, 1976, p.1-40 (Entretiens Classiques, t. XXIII).

REVERDIN, Olivier (org.). The Roman Friends of Ammianus. *JRS*, vol. 54, p.15-28, 1964.

CAMERON, Averil. *The Later Roman Empire*. London: Fontana Press, 1993.

CAMUS, Pierre-Marie. *Ammien Marcellin. Témoin de Courantes Culturels et Religieux à la fin de IV eme. Siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

CANDAU, J.M. et alli. Teocracia y ley: La Imagem de la Realeza en Juliano el Apostata. *In: La Imagen de la Realeza en la Antigedad*. Madrid: Editorial Colóquio, 1988, p.165-189.

CARRERAS MONFORT, César. & FUNARI, Pedro Paulo A. *Britannia y el Mediterráneo:* Estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Vritannia. Barcelona: Universitat de Barcelona. 1998.
CHALMERS, Walter R. Eunapius, Ammianus Marcellinus and Zosimus on Julian's Persian Expedition. *CQ*, vol. 10, n. 2, 1960, p. 152-160
CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.
CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. *In:* HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.211-238.
CHASTAGNOL, André. Le prosopographie, méthode de Recherche sur l'histoire de Bas Empire. *Annales*. Paris, 1970, p.1229-1235
CHASTAGNOL, André. *L'Évolution Politique, Sociale et Économique du Monde Romain. De Diocletien à Julien*. Paris: Sedes, 1985.
CHAUVOT, A. Représentations du *Barbaricum* chez les Barbares au service de l'Empire au IVe siècle après J.-C. *Ktema*. Strasbourg, n. 9, 1984, p. 145-157.
CHRISTOL, Michel et alli. Institutions, Societé et Vie Politique dans l'Empire Romain au IVe Siècle ap. J. C. *Actes de la table Ronde autour de l'oeuvre d'André Chastagnol*. Rome: École Française de Rome (Palais Farnese), 1992.
CHRISTOL, Michel et alii. L'état romain et la crise de l'Empire. *L'Information Historique*. Paris, v. 44, n. 4, 1982, p. 156-63.
DANDO-COLLINS, Stephen. *A Legião de César*. A saga épica da décima legião da elite de Júlio César e dos exércitos de Roma. São Paulo: Madras, 2006.
DAVIES, E. L. B. M. Notes on Ammianus Marcellinus. *CQ*, vol. 42, n.3/4, 1948, p. 113.
DEMOUGEOT, E. L'image officielle du barbare dans l'Empire Romain d'Auguste à Théodose. *Ktema*, Strasbourg, n. 9, p. 123-143, 1984.
DENCH, Emma. *Romulus' Asylum*. Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian. Oxford, Oxford University Press, 2005.
DEPEYROT, Georges. Les Conditions Naturelles au Bas-Empire Romain. *RH*. Paris, vol.588 (4), 1993, p. 337-378.
DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. *In: AAVV*. Estruturalismo – Antologia de textos técnicos. São Paulo: Livraria Martins Fontes, ed. Portugalia, [19--], p. 101 – 123.
FERRIL, A. *A queda do Império Romano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
FLETCHER, G.B. A. Notes on Ammianus Marcellinus. *CQ*, vol. 24, n. 3/4, 1930, p. 193-197.
FONTAINE, Jacques. Ammien Marcellin, historien semantique. *BAGB*, Paris, v.28, 1969, p. 417-435.
FORNARA, Charles W. Julian's Persian Expedition in Ammianus and Zosimus. *JHS*, vol. 111, 1991, p.1-15.
FOUSSARD, J. C. Julien Philosophe. *In:* BRAUN, René & RICHER, Jean. *L'Empereur Julien. De l'histoire à la legende (331-1715)*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, vol. I, p.189-212.
FOWDEN, Garth. The Pagan Holy Man in Late Antique Society. *JHS*, London, 102, 1982, p. 33-59.
FRAKES, R.N. Cross-references to the los books of Ammianus Marcellinus. *Phoenix*, vol. 49, n. 3, 1995, p. 232-246.

FRANK, Richard I. Ammianus on Roman Taxation. *The American Journal of Philology*, vol. 93, n. 1, 1972, p. 69-86.
FUNARI, Pedro Paulo A. Contatos Culturais na Fronteira Militar Romana na Britannia. *In:* CERQUEIRA, Fábio Vergara. (org.). Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo. *Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*. Pelotas: ULBRA e UFPEL, 2003.
GARZYA, Antonio. Retori pagani e imperatori cristiani e retori cristiani in scuole profane. *In: Mondo Classico e cristianesimo*. Instituto della Enciclopedia Italiana, 1982.
GERVAS, Manuel J. Rodriguez. *Propaganda Política y opinión pública*. En los panegíricos latinos del Bajo Império. Universidad de Salamanca, 1991.
GONÇALVES, Ana Teresa M. *A figura do* ***Optmus Princeps*** *nos compêndios de História Romana produzidos no IV século d.C.* Monografia submetida ao corpo docente do IFCS/UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em História. Rio de Janeiro, 1991 (mimeo).
GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e História Científica. *In: RBH*. São Paulo, n°29, 1994, p. 180-193.
HADJINICOLAU, A. Macellum, Lieu d'esul de L'Empereur Julien. *Byzantion*. Bruxelles, vol.21, 1951, p.15-22.
HANSON, Victor Davies. *The Western Way of War*. New York, Knopf, 1989.
HEATHER, P. The barbarian in Late Antiquity. *In:* MILES, R. (Ed.) *Constructing identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p. 234-258.
HOOK, Sydney. *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
HUSKINSON, Janet. (org). *Experiencing Rome*. Culture, Identidy and Power in the Roman Empire. London: Routledge, 2000.
JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire*. (284-602), vol. 1, 2. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
LUTTWAK, E. N. *La grande strategia dell'Impero Romano*. Milano: Bur, 2003.
MACKAIL, J. W. Ammianus Marcellinus. *JRS*, vol. 10, 1981, p. 464-468.
MACMULLEN, Ramsay. *Le Déclin de Rome et la Corruption du povoir*. Paris: les Belles Lettres, 1991.
MACMULLEN, Ramsay. *Soldier and Civilian in the later Roman Empire*. Harvard: Harvard University Press, 1998.
MAENCHEN-HELFEN, Otto J. The Date of Ammianus Marcellinus last Books. *The American Journal of Philology*, vol. 76, n.4, 1955, p. 384-399.
MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
MATTHEWS, J. The origin of Ammianus. *CQ*, vol. 44, n. 1, 1994, p. 252-269.
NORMAN, A.F. Magnus in Ammianus, Eunapius, and Zosimus: New Evidence. *CQ*, vol. 7, n. 3/4, 1957, p. 129-133.
PACK, Roger. Ammianus Marcellinus and the Curia of Antioch. *CPh*, vol. 48, n. 2, 1953, p. 80-85.
PASTOR, Marcelo M. *Amiano Marcelino, escritor romano del século IV*. Perfil Literário. Eclás. Organo de la Sociedad espanola de Estúdios Clásicos. Madrid, Inst. San José de Calasanz de Pedagogia. Tomo 34, n. 102, 1992, p. 91-114.
RICOEUR, Paul. *La Metáphore Vive*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
ROLFE, J. C. On Ammianus Marcelinus. XXIII.3.9. *The American Journal of Philology*. Vol. 57, n. 2, 1936, p. 137-139.

ROLFE, J. C. Some Notes on Ammianus Marcellinus. *TAPhA*, vol. 70, 1939, p. 342-351.
RUGGINI, Lellia Cracco. Politici Intellettuali di Roma fra IV e VI secolo: Connotazioni ideologiche della cultura greca in Ocidente. *Atti dell'Associazione di Studii tardoantichi* a cura de CONCA, Fabrizio, GUALANDRI, Isabella & LOZZA, Giuseppe. Collectanea n.7. Napoli: D'Auria, 1993. p. 41-58.
SABBAH, G. De la Rhétorique à la Communication politique: les Panegyriques latins. *BAGB*. Paris, t.43 (4), 1984. p. 363-388.
SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
SEAGER, Robin. *Ammianus Marcellinus. Seven Studies on his Language and Thought*. Columbia: University of Missouri Press, 1986.
SIDEBOTTOM, Harry, *Ancient Warfare*. Oxford, Oxford University Press, 2004.
THOMPSON, E. A. *The historical work of Ammianus Marcellinus*. Groninger: Bouma's Boekhuis N.Y. Publishers, 1969.
THOMPSON, E. A. Ammianus Marcellinus and the Romans. *GR*, vol. 11, n.33, 1942. p. 130-134.
VALENSI, Louis. *Quelques réflexions sur le pouvoir imperial d'après Ammien Marcellin*. BAGB. Paris, v.4, n.16, 1957. p. 62-107.
WARMINGTON, B.H. Ammianus Marcellinus and the lies of Metrodorus. *CQ*, vol. 31, n. 2, 1981. p. 464-468.
WEBSTER, Graham. *The Roman Imperial Army*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1998
WILLIAMS, Mary Frances. Four Mutinies: Tacitus, *Annals* 1.16-30; 1.31-49 and Ammianus Marcellinus *Res Gestae* 20.4.9-20.5.7; 24.3.1-8. *Phoenix*, vol. 51, n. 1, 1997. p. 44-74.
WOODS, David. Ammianus and some Tribuni Scholarum Palatinarum c. A.D. 353-64. *CQ*, vol. 47, n. 1, 1997. p. 269-291.

ÍNDEX DOS PERIÓDICOS UTILIZADOS

BAGB -Bulletin de l'Association Guillaune Budé. Paris, Les Belles Lettres.
Byzantion -Byzantion: Revue Internationale des Études Byzantines. Bruxelles.
CPh -Classical Philology. Chicago, Ill, University of Chicago Pr.
CQ -Classical Quartely. Oxford, Oxford University Pr.
Hant -Hispania Antiqua: Revista de Historia Antigua. Valladolid, Universidad de Valladolid.
Historia -Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte. Wiesbaden, Steiner.
JHS -Journal of Hellenic Studies. London, Society for the Promotion of Hellenic Studies.
JRS -Journal of Roman Studies. London, Society for the Promotion of Roman Studies.
Ktèma -Ktèma: Civilisations de L'Orient, de la Grèce et de Rome antiques. Strasbourg, Centre de Resch, sur le Proche-Orient et la Grèce Antique et Goupe de Recherce d'Histoire Romaine.
Latomus -Latomus. Revue d'Études Latines. Bruxelles, Soc. Latomus.
Mnemosyne-Mnemosyne: Biblioteca Classica Batava. Leiden, Brill.
Pallas-Pallas: Revue d'Études Antiques. Toulouse, Presses de l'Université du Mirail.

Phoenix -The Phoenix: the Journal of the Classical Association of Canadá. Toronto, Ont., University of Toronto Pr.
QUCC -Quaderni Urbinati di Cultura Classica. Roma, GEI.
RH - Revue Historique. Paris, Presses Universitaires.
TAPhA -Transactions and Proceedings of the American Philogical Association. Decatur, Ga, Scholars Pr.

* * *

Abstract: *This article is aimed at dealing with some recent epistemological discussions about Military History. A case study regarding the Ancient Antiquity is presented. Such study refers to a testimony of Amianus Marcelinus, author of the IV century A.D., who was a member of the Roman Military Army and consequently was an eyewitness of innumerous battles involving Roman General Emperors against the Barbarians. This article introduces the subject of a broader research, which results from the analysis of that author's report in reference to the military expeditions of the Emperor Julian.*
Keywords*: War – Military History – Ammianus Marcelinus*